

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

O HISTORIADOR FRANCÊS EM FACE DO ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS (1).

O ensino das Ciências Sociais em França permanece ainda como algo que causa estranheza aos estrangeiros. Não existe em nosso país, como alhures, Faculdades de Ciências Sociais ou Econômicas. E o ensino dêsse novo ramo do saber humano aparece disperso, na maior desordem, entre as diferentes faculdades e institutos.

Todavia, muitas pessoas se interessam em França pelo futuro das Ciências Sociais. Entre os mais interessados assinalamos os historiadores. A transformação recente e profunda das disciplinas históricas lhe impôs, mais que a tódas às outras, o problema. Nós nos propomos simplesmente a examinar aqui como um historiador dos nossos dias, levado pelo seu trabalho cotidiano de pesquisa e de ensino, vê a integração das Ciências Sociais no Ensino Superior de hoje.

*
* *
*

Primeiramente, convém insistir um pouco longamente sobre a importância das Ciências Sociais para o historiador atual. Estamos prestes a alcançar um tal grau de colaboração entre aquelas e este que se pode desde já considerar a História como uma Ciência Social entre as outras.

Explicuemo-nos: qual é a diferença entre a História e as outras Ciências Sociais? Uma simples diferença de tempo. A História estuda o passado, as Ciências Sociais o presente. Vê-se que a diferença é bem pequena. Que é o presente com efeito, senão essa franja do passado que se renova sem cessar, marcada sobretudo pela preocupação do futuro? Praticamente o que se passa? Os geógrafos, os sociólogos ou os economistas estudam o "presente" e um passado imediato (duas ou três gerações, ou se preferirmos, um período de longa duração econômica durante o qual as estruturas não tiveram tempo de mudar). Para essa parte do tempo o historiador (que é chamado então de "especialista de his-

(1). — Resumo duma palestra feita na Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo em 16 de setembro de 1953. Texto francês traduzido por E. Simões de Paula.

tória contemporânea”) efetuará sobretudo um trabalho de síntese entre os diferentes “especialistas”. E mesmo naquilo que concerne ao presente mais imediato êle poderá ser o que os escandinavos chamam de especialista da “Ciência Social”, isto é, essa síntese do presente munida de soluções para o futuro. Mas, desde que se remonte além do passado imediato, o historiador moderno — e a *fortiori* as outras categorias de historiadores — será obrigado a se substituir a todos êsses especialistas. Êle deverá ser ao mesmo tempo economista, geógrafo, sociólogo, exatamente como na Medicina ou em Biologia, o geneticista é ao mesmo tempo um sabedor das coisas do tubo digestivo, do coração, dos ossos e dos músculos.

Compreende-se desde então que a História possa se utilizar a todo o momento das Ciências Sociais. Estas lhe trarão métodos, conceitos, problemas. Como estudar no passado a noção de nação, de balança de comércio ou de mística, sem ter um conhecimento profundo do presente? O êrro a evitar é o de querer encontrar a tôda força o presente no passado. Dito isso, tudo é possível ao historiador. E’ necessário absolutamente que se renuncie estabelecer essas falsas diferenças entre a História e as Ciências Sociais que encontramos ainda nas obras mais autorizadas. Por exemplo, aquela segundo a qual a História não empregaria o método “tipológico”. As conseqüências para a História são enormes: o alargamento do seu domínio; ela não é mais sômente História política ou militar — é uma banalidade lembrarmos aqui — mas ainda econômica, social, religiosa, cultural e mesmo biológica ou demográfica; alargamento, mas também aprofundamento: à História dos acontecimentos e das instituições ajuntou-se a História da conjuntura e das estruturas. Os pioneiros da escola histórica francesa muitas vêzes confundiram acontecimento e política dum lado, estruturas e economia de outro. Pensamos que aí não há mais que uma primeira aproximação (que foi já um grande progresso). Podemos ir mais longe e mostrar que as estruturas existem em política como em outras coisas e que há uma conjuntura espiritual e acontecimentos econômicos.

Se a História se utiliza das Ciências Sociais, o inverso é também verdadeiro. Porque o grande progresso que aquelas fizeram está essencialmente no papel que souberam dar ao tempo. Daí a idéia de que elas tinham necessidade duma genética como as ciências da vida. Como compreender as crises do nosso capitalismo industrial sem as comparar com aquelas do “Antigo Regime agrícola” ou do capitalismo comercial? Daí também a concepção dinâmica da vida social. Esta não é mais considerada como devendo, além das suas perturbações passageiras, voltar inevitavelmente para uma posição normal de equilíbrio. Ela aparece cada vez mais como uma série de desequilíbrios cuja chave se encontra no estudo mesmo do dado histórico. As Ciências Sociais sendo consideradas como indispensáveis à vida moderna, a História não aparece mais

somente como um belo instrumento de cultura, próprio para formar o espírito e o julgamento, mais ainda como uma disciplina utilitária do mesmo grau que a Química ou a Mecânica Racional. Há muita coisa para chocar os defensores dum passado terminado. Mas o mundo continua a girar e não pensamos que a nossa demonstração seja forçada.

*
* *
*

Essa concepção de História e das Ciências Sociais é respeitada hoje em dia em França no ensino superior? Para o saber é necessário examinar o ensino ministrado nas Faculdades de Direito e de Letras.

A Faculdade de Direito tem essencialmente por finalidade a formação de profissionais: juizes, advogados, administradores, homens de negócio. Se se lhe aplicar uma reforma recentemente aprovada, a Faculdade será dividida em três secções: jurídica, económica, política. O que chama a atenção nessa organização é a importância de cada uma das Ciências Sociais e o seu reagrupamento não segundo o método, mas segundo o centro do interesse: Ciências Jurídicas, isto é, não somente o Direito, mas ainda a Sociologia Jurídica, além da Filosofia e da História do Direito; Ciências Políticas, isto é, Direito Público e Administrativo e também História e Sociologia Política; Ciências Económicas, isto é, Economia Política, mas também Direito Económico, Geografia Económica, etc. Notemos, de passagem, essa Ciência Política que é ao mesmo tempo História, Geografia, Sociologia Política e é também Direito Político.

A verdade é que esse ensino assegurado essencialmente por homens de formação jurídica — completado pelo ensino dos Institutos de estudos políticos onde esses juristas encontram técnicos ou literatos, tem por fundamento o Direito, tão importante na vida francesa, e procura dar a esse Direito uma base largamente humana. Mas, formando profissionais, ele deixa muito pouco lugar para as preocupações mais desinteressadas da pesquisa, tanto que o pessoal das Faculdades de Direito é numericamente muito limitado em face das necessidades atuais.

A Faculdade de Letras tem uma finalidade completamente diferente: ela forma professores do ensino secundário e superior, ou pesquisadores. Aqui não há nenhuma predominância das Ciências Sociais que permanecem ensinadas cada uma na sua unidade. Sabe-se que a Psicologia e a Sociologia são ensinadas com a Filosofia — e a Geografia com a História. A Etnologia tem uma situação muito precária: ela aparece geralmente sob a forma de cursos de Pré-história ou de estudos regionais e não possui praticamente cadeiras autónomas. Se a Geografia e a História formam

secções muito ativas das Faculdades de Letras, a Sociologia está ainda embrionária em muitas das Faculdades. E' que a Geografia, a Psicologia Social, muitas vêzes invadiram os seus domínios. Quanto à Economia ela não é ensinada senão sob a forma de História Econômica e o problema é saber se é necessário se contentar com essa História Econômica ou se é preciso criar ao lado uma secção de Economia Política.

Qualquer que seja a resposta, a questão é importante para o historiador. Porque fazendo os seus estudos na Faculdade de Letras êle não recebe atualmente sua bagagem necessária de Ciências Sociais a não ser em Geografia (2). Para o resto êle deve "se arranjar" com os seus próprios meios, muitas vêzes meios de fortuna. Outrora êle preparava também a sua licença em Direito, o que lhe dava algumas noções de Ciências Sociais. Mas atualmente a licença em Direito e a licença em História tornam-se, uma e outra, de tal maneira pesadas que é impossível prepará-las conjuntamente.

Por conseguinte, é necessário dizer que não existe em França Faculdade ou ensino de Ciências Sociais. Na realidade, cada Universidade francesa possui duas Faculdades que tendo pontos de vista diferentes, se completam harmoniosamente. Resta aumentar o pessoal e os meios duma Faculdade e completar a outra com uma ou duas secções (Economia-Sociologia). Resta também organizar a Faculdade de Letras para que o estudante de História possa, sem se sobrecarregar de trabalho, receber uma cultura nessas secções — e organizar o ensino na Faculdade de Direito para que nessas Ciências Sociais "importantes" se esforcem para dar mais uma formação do que uma informação. Êsses progressos podem parecer lentos em demasia: é que êles querem se apoiar sôbre uma pedagogia experimentada e uma autenticidade no método científico, sem os quais nada de sólido poderá ser construído.

FRÉDÉRIC MAURO

Da Universidade de Toulouse e professor-visitante da Cátedra de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(2). — A licença de História (licença de ensino) compreende três certificados de História e um certificado de Geografia.